

# Discussão de Temas Reflexivos e Objetivos

**Tema 1:** [A publicidade pode interferir na construção dos seus sonhos?](#) (UFF - 2011)

Leia, cuidadosamente, os textos a seguir, lembrando que são apenas opiniões com o objetivo de iniciar a discussão sobre o tema a ser desenvolvido em sua redação. Depois, redija um texto de caráter predominantemente dissertativo sobre o seguinte tema: A publicidade pode interferir na construção dos seus sonhos?

Dentre outros aspectos que você julgue necessários, observe, **por exemplo**:

- utilização da publicidade nos meios de comunicação;
- influência da publicidade na criação de expectativas e desejos de vida;
- responsabilidade social da comunicação publicitária na modernidade;
- interferência da publicidade nos seus hábitos de vida.

Características a serem observadas no seu texto:

- deve conter informações de caráter pessoal sobre o assunto;
- deve permitir que o leitor identifique, claramente, o tema central que está sendo desenvolvido;
- deve ser compreendido por diferentes tipos de pessoas;
- deve ser redigido em língua padrão.

Observação: Não comece seu texto com “sim” ou “não”, já que se trata apenas de uma pergunta com valor de tema.

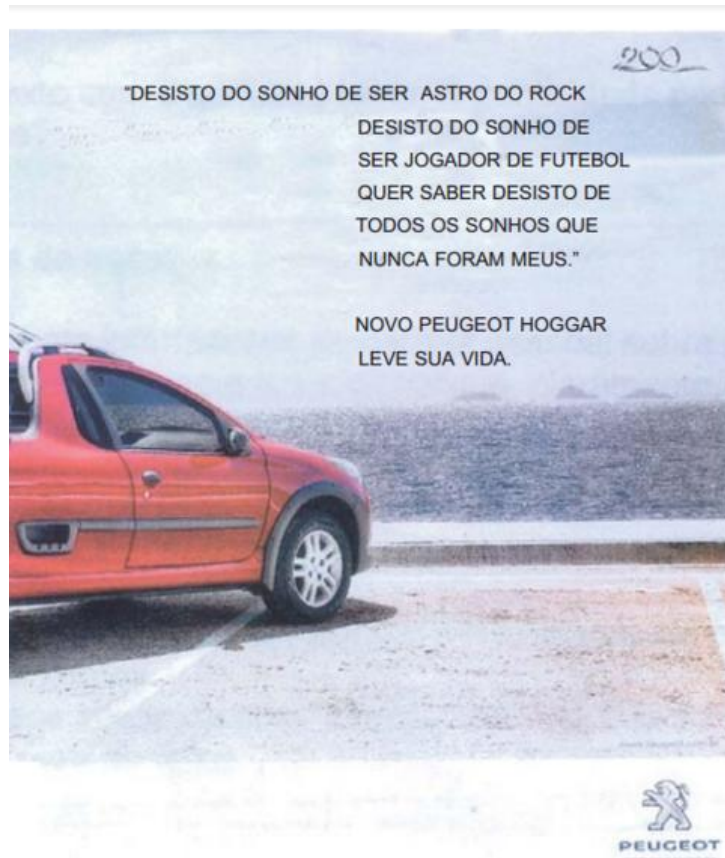
## Texto I

### Os caminhos da publicidade

Maria Eduarda da Mota Rocha

(...) a “qualidade de vida” é uma resposta mais direta aos custos pessoais trazidos pela modernização capitalista no Brasil. Se ela produziu abundância material para os seus beneficiários, produziu também novas formas de raridade, especialmente o tempo, o espaço e a sociabilidade. Por isso, hoje, os anúncios tendem a representar a vida feliz nesses termos: a natureza onde o espaço é abundante, o tempo livre do lazer e do ócio, a amizade, o amor, a família. A redescoberta das “coisas simples da vida” atenua o fascínio pelos produtos e serviços em si mesmos. A “responsabilidade social” e a “qualidade de vida” prometem uma reconciliação entre os interesses financeiros e a felicidade humana, em sua dimensão coletiva e pessoal. A publicidade, como a retórica do capital, transformou-se nessa direção, para contrabalançar os custos de uma modernização que reproduziu a violência, degradou o meio ambiente, erodiu a sociabilidade e falhou em dar à vida algum sentido transcendente.

Folha de São Paulo. Folha Top of mind. 2010. (adaptado)

**Texto II**

Isto É, 23/06/2010.

**Tema 2:** [A felicidade](#) (PUC-Rio - 2014)

“A felicidade é uma questão individual. Aqui, nenhum conselho é válido. Cada um deve procurar, por si, tornar-se feliz.” (Sigmund Freud)

Produza um texto dissertativo-argumentativo – entre 20 e 25 linhas –, discorrendo sobre a felicidade. Dê um título ao seu texto. NÃO ASSINE.

**Texto I****Felicidade e alegria**

Contardo Calligaris

Quando eu era adolescente, pensava que a felicidade só chegaria quando eu fosse adulto, ou seja, autônomo, respeitado e reconhecido pelos outros como dono exclusivo do meu nariz. Contrariando essa minha previsão, alguns adultos me diziam que eu precisava aproveitar

bastante minha infância ou adolescência para ser feliz, pois, uma vez chegado à idade adulta, eu constataria que a vida era feita de obrigações, renúncias, decepções e duro labor.

Por sorte, meus pais nunca disseram nada disso; eles deixaram a tarefa de articular essas inanidades a amigos, parentes ou pedagogos desavisados. Graças a esse silêncio dos meus pais, pude decretar o seguinte: os adultos que afirmavam que a juventude era o único tempo feliz da vida deviam ser, fundamentalmente, hipócritas. Com isso, evitei uma depressão profunda, pois, uma vez que a adolescência, que eu estava vivendo, não era paraíso algum – nunca é –, qual esperança me sobraria se eu acreditasse que a vida adulta seria fundamentalmente uma decepção? Cheguei à conclusão de que, ao longo da vida, nossa ideia da felicidade muda: quando a gente é adolescente, a felicidade é algo que só será possível no futuro, na idade adulta; quando a gente é adulto, a felicidade é algo que já se foi – a lembrança idealizada (e falsa) da infância e da adolescência como épocas felizes. Em suma, a felicidade é uma quimera que seria sempre própria de outra época da vida – futura ou passada.

No filme de Arnaldo Jabor, “A Suprema Felicidade” (2010), o avô (Marco Nanini) confia ao neto que a felicidade não existe e acrescenta que, na vida, é possível, no máximo, ser alegre. Concordo com o avô do filme. E há mais: para aproveitar a vida, o que importa é a alegria, muito mais do que a felicidade. Então, o que é a alegria? Ser alegre não significa necessariamente ser brincalhão. Nada contra ter a piada pronta, mas a alegria é muito mais do que isso: ser alegre é gostar de viver mesmo quando as coisas não dão certo ou quando a vida nos castiga. É possível, aliás, ser alegre até na tristeza ou no luto [...] Essa alegria, de longe preferível à felicidade, é reconhecível, sobretudo, no exercício da memória, quando olhamos para trás e narramos nossa vida para quem quiser ouvir ou para nós mesmos. Para quem consegue ser alegre, a lembrança do passado sempre tem um encanto que justifica a vida. Para que nossa vida se justifique, não é preciso narrar o passado de forma que ele dê sentido à existência. Não é preciso que cada evento da vida prepare o seguinte. Tampouco é preciso que o desfecho final seja sublime – “descobri a penicilina, solucionei o problema do Oriente Médio, mereci o Paraíso”. Para justificar a vida, bastam as experiências – agradáveis ou não – que a vida nos proporciona, à condição de que a gente se autorize a vivê-las plenamente. Ora, nossa alegria encanta o mundo, justamente, porque ela enxerga e nos permite sentir o que há de extraordinário na vida de cada dia, como ela é. Para reencantar o mundo, não precisamos de intervenções sobrenaturais, de feitos sublimes. Para reencantar o mundo, é suficiente descobrir que o verdadeiro encanto da vida é a vida mesmo.

Texto adaptado de artigo publicado na Folha de S. Paulo (18/11/2010).<sup>13</sup> (1): 11-16, jan./abr. 2000; p. 11.